

Na época, a novela iria ficar famosa por uma outra razão. Nela foi dado, com muita cautela e pudor, o primeiro beijo da televisão brasileira. Até então, por mais feliz que fosse o final das histórias, não havia beijos, seja porque fossem proibidos, ou porque autores e diretores não tivessem coragem. A televisão já tinha mais de um ano de atividades quando Vida Alves e Walter Forster, finalmente, ousaram beijar-se na frente das câmeras: (Foto 5)

“Me lembro que eu já era casada” — conta a atriz Vida Alves — “já era mãe dum garoto, já era universitária e tudo mais. E eu achei que não tinha nada demais e que eu consentiria naquele beijo. Nós, atrizes, éramos moças bastante comedidas, mas não antiquadas. Para a época, éramos até adiantadas e avançadas. Eu concordei plenamente e o meu marido, que era estrangeiro, não viu naquilo nada de mal. E na verdade não houve nada. Até hoje, pergunta-se: ‘Você beijando o artista?’ Sem isso!” (2)

Vinte e seis anos depois, no programa Clube dos Artistas, que comemorava na ocasião o aniversário da TV Tupi, a mesma dupla refez, a pedidos dos colegas presentes à festa, aquele primeiro beijo.

Ainda em dezembro de 1951, mais exatamente na noite do dia 24, um grupo de teatro infanto-juvenil faria sua primeira apresentação diante das câmeras da PRF-3 TV Tupi, encenando a peça Os Três Ursinhos. Tratava-se do TESP, grupo organizado pelo casal Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Ambos, algum tempo depois, iriam se tornar os nomes mais importantes do teleteatro infanto-juvenil da televisão brasileira.

O início de 1952 trouxe, como era de se esperar, novidades. Entre elas, o lançamento do Clube dos Artistas, o único programa a sobreviver ao longo dos anos e chegar inclusive até a década de 80. Outra novidade foi o fato da telenovela se firmar e passar a ter dois capítulos semanais, o que dava já uma certa disciplina à própria programação. O teleteatro passou também a possuir dias determinados para ir ao ar.

Para o desenvolvimento e consolidação do gênero teleteatro, o mês de janeiro de 1952 foi bastante importante. Além da produção de peças escritas pelos elementos das Associadas, consolidaram-se algumas apresentações, inclusive de grupos teatrais. O teatro das segundas-feiras tornou-se enfim uma realidade; o Teatro de Arte, onde vinha se apresentando o Teatro da Juventude, ganhou vaga nas noites de sábado e a série policial de Mário Fanucchi, O X do Problema, nas quartas-feiras. O teatro invadia a televisão e a programação tornava-se mais elitista.

Graças ao trabalho de grupos teatrais, o vídeo paulista começava a habituar-se com renomados autores da dramaturgia e literatura mundiais. Realizava-se o sonho dos cronistas anteriores ao advento da televisão: ela traria o teatro até a casa do espectador.

O teleteatro não foi o único gênero a se firmar. Por um caminho próprio, a telenovela crescia. O gênero, na televisão, era feito por novelistas de rádio. Porém, logo de imediato surgiu um problema: Walter Forster assinou contrato com a Rádio Nacional apesar de seu contrato com as Associadas não ter ainda expirado. O compromisso com a outra emissora valeu-lhe um afastamento das suas atividades, tanto no rádio quanto na televisão. “Foi para a geladeira!” — explicou José Castellar, alguns anos depois. (3) Nem bem nascera e a telenovela já ficava sem o primeiro autor. A direção da TV Tupi incumbiu José Castellar de escrever a segunda telenovela que recebeu um título bem ao gosto da época: Um Beijo nas Sombras.

Assim como ocorrera com Sua Vida me Pertence, o primeiro capítulo de Um Beijo nas Sombras foi precedido de um trailer, apresentado no dia 4 de março de 1952. O primeiro capítulo só iria ao ar três dias depois. Do elenco da novela participavam, entre outros, José Parisi, Vida Alves, Guiomar Gonçalves e Lima Duarte. A novela teve quinze capítulos, sendo apresentada até 29 de abril desse ano.

À satisfação de estar estreando na televisão como novelista, seguiu-se um momento de grande decepção para José Castellar. A exemplo do que acontecia com seus colegas, o cinema exercia sobre ele uma grande fascinação e ao receber a incumbência de escrever uma telenovela, Castellar atirou-se entusiasticamente à redação do script, procurando alcançar uma linguagem visual que se aproximasse o mais possível da cinematográfica. A leitura de alguns scripts de Um Beijo nas Sombras revela facilmente esta busca. Escrevendo cerca de dois capítulos semanais em meio às solicitações e compromissos que o seu trabalho no rádio envolvia, ao chegar no final do mês e receber o cachê referente à redação dos episódios de Um Beijo nas Sombras, a quantia recebida foi tão irrisória que Castellar, decepcionado e desanimado, decidiu precipitar o final da novela, pois, tanto esforço e dedicação não compensavam realmente diante de tão pouca paga. Quando Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico da emissora, recebeu o script de um episódio e leu, escrito com destaque no alto da primeira página as palavras Penúltimo Capítulo, mandou chamar às pressas o autor, pois como encerrar sem mais nem menos a novela, sem aviso prévio? O que seria colocado no lugar dela? Após ouvir as explicações de Castellar, Cassiano retrucou alegando que o trabalho deles era pioneiro e por isso o autor deveria escrever alguns capítulos a mais, sem receber extra. Assim, Um Beijo nas Sombras ganhou mais algumas cenas. (4)



(Foto 5) Vida Alves e Walter Forster em Sua Vida me Pertence. TV Tupi — São Paulo. Foto/Arquivo de Vida Alves

- (2) Depoimento de Vida Alves ao IDART, São Paulo, 29 de setembro de 1977.
- (3) Depoimento de José Castellar ao IDART, São Paulo, janeiro de 1977.
- (4) Cf. depoimento de José Castellar, São Paulo, janeiro de 1977.